



Director literario:

Acquaforte
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Edward Collette
PAPUSSE



Os sapatinhos encarnados

Por ERMELINDA MARTINS PEREIRA

Desenhos de EDUARDO MALTA



UNTO ao mar Cáspio existia uma pequena aldeia composta na maioria por pescadores. Entre os velhos lóbos do mar, encontrava-se um, que, pelos seus feitos heróicos no salvamento de diversos náufragos, era por todos estimado.

Vivia o bom velhote numa casinha sua, muito modesta, com a sua feliz companheira de trabalho e de desdita, rente à beira-mar. Como não tivessem filhos para os amparar na velhice e repartirem com eles

os carinhos de que tanto necessitavam, pediam constantemente a Deus, nas suas orações, a graça de lhe conceder um descendente.

A-pesar-da sua avançada idade, após tantas súplicas e pedidos, o bom Deus resolveu conceder-lhes essa felicidade.

Num dia de inverno rigoroso, quando o vento rugindo assustadoramente, ameaçava levar pelos ares a frágil moradia, nascia uma menina tão linda, que fez deslumbrar os pobres pescadores.

Depois de terem repartido pela formosa criancinha todos os afagos e carinhos próprios duns pais estremosos, notaram que tinha, calçados nos pésinhos, uns sapatinhos encarnados. Encaravam-se espantados por semelhante facto e tentaram descalça-los, mas, por mais esforços que empregassem, não o conseguiram.

«Seja feita a vontade de Deus» exclamava o bondoso pescador, tentando animar sua mulher, em cujo espírito se



(Continua na página 3)

(Continuado da página 1)

embaralhavam já as mais negras desgraças, que no futuro envolveriam a existência de sua filhinha.

«Não penses nessas coisas, continuava o companheiro; quando a pequenita começar a andar, os sapatos romper-se, ficando livre deles e das desgraças que lhes atribues».

Conformado com esta esperança, foram passando os meses e a pequenita, que tinha recebido o nome de Branca-Espuma, por ser realmente duma alvura deslumbrante, começou a dar os primeiros passos e depois a andar.

Os pais sentiam-se orgulhosos de possuírem uma filha tão formosa, não existindo outra em todo o país, e cheios de contentamento, davam muitos passeios pela aldeia acompanhados de Branca-Espuma, cujo calçado eram sempre os mesmos sapatinhos encarnados.

A filha do pescador foi crescendo e o povo intrigado de lhe ver sempre o mesmo calçado e da mesma cor, interrogava os pais.

«Ela só gosta de sapatos daquele feitio e cor» respondiam os velhotes, ocultando sempre o seu verdadeiro mistério.

Desde então a gente da aldeia principiou a chamar-lhe «os sapatinhos encarnados» e era por este nome que a tratavam sempre.

Quando as rapariguinhas da aldeia brincavam, saltitando na areia ou banhando-se nas ondas do mar, era sempre com um grito de alegria que exclamavam, ao avistar Branca-Espuma, dirigindo-se para elas.

Lá vem os «sapatinhos encarnados», lá vem os «sapatinhos encarnados»!

A filha do pescador era realmente digna de estima, pois era muito boa e inteligente; eis a razão porque as rapariguinhas, da idade dela, gostavam da sua companhia e das suas brincadeiras.

Assim foram passando os anos. Branca-Espuma era agora uma formosa rapariga de 17 anos, muito educada e instruída, a-pesar-de seus pais apenas lhe terem mandado ensinar as primeiras letras, devido à falta de meios, que os estudos superiores exigiam.

No dia em que completou as 17 primaveras, sentiu ela a terrível opressão dos eternos sapatinhos encarnados. Já tinham passado tantos anos e continuavam eles novos e lindos como outrora; apenas eram maiores, acompanhando assim o desenvolvimento dos pésinhos, bastante elegantes de Branca-Espuma.

Como ela desejava arrancá-los dos pés, para os substituir por outros lindos, iguais áqueles que usavam as outras jovens da sua idade! Deviam trocar dela as suas companheiras, deviam rir do seu mau gosto. Ela já daquela idade e ainda com sapatinhos encarnados próprios de criança.

E nesse dia Branca-Espuma chorou muito, evitando desde então o mais possível sair.

Nunca mais foi às festas da aldeia, nem dos arredores, deixou de compartilhar de todos os folguedos próprios da mocidade e, por fim, até de visitar as suas amiguinhas.

Os pais, vendo-a triste e sentindo já patrar no seu lar pronúncio de grandes desgraças, andavam apouquentados.

Numa noite linda, estava o pobre lóbo do mar acompanhado da mulher e filha, sentados à porta de sua casa, conversando sobre vários assuntos, quando viram aproximar-se uma velha com modos suplicantes, pedindo agasalho e alguma coisa de comer.

A-pesar-da velhota ter um aspecto pouco simpático, apressaram-se a mitigar-lhe a fome. Enquanto comia, não deixava de olhar para Branca-Espuma que, começando a sentir-se indisposta, pediu permissão aos pais para se deitar.

A velha sorriu misteriosamente e pelo

seu olhar perpassou um sinistro clarão, ao contemplar os sapatinhos encarnados da linda rapariga.

Após uma prolongada conversa, resolveram deitar-se, depois de terem encaminhado a velha ao leito que lhe tinham reservado.

Esta agradeceu, fingindo-se comovida e entrando no quarto, em vez de se deitar, esperou ansiosa de ouvido à escuta, que o silêncio reinasse na moradia do pescador.

Quando verificou que todos dormiam, safu do quarto, pé ante pé, e dirigiu-se para o de Branca-Espuma, que dormia socegradamente.

Tirou duma caixinha um pó amarelado e, depois de algumas rezas, deitou-lhe uma pequena quantidade sobre os olhos, ao mesmo tempo que aparecia uma infinidade de diabinhos encarnados, dançando e pulando de contentes em redor da velha.

Após terem dançado por alguns minutos, agarraram todos na Branca-Espuma e desapareceram no espaço, assim como a velha.

Quando a Branca-Espuma acordou, notou que estava num palácio, cujos tectos, paredes, portas, etc., eram de cor negra. Esfregou os olhos, julgando-se vítima de alguma alucinação, mas, depressa se certificou que não era nenhum pesadelo, mas sim a realidade.

Como fosse corajosa e desejando saber onde se encontrava, dirigiu-se para uma porta, notando com espanto, que os seus sapatinhos encarnados, tão leves e silenciosos, faziam um barulho infernal, como se fossem enormes pesos de ferro.

Não poderia portanto dar um passo, sem que fosse presentida? Que importava? Sucedesse o que sucedesse, continuaria a andar; mais alguém deveria habitar o palácio, visto que a tinham levado para ali!

Recomeçou novamente a andar, passou por extensos corredores, atravessou enormes salas, sem nunca ter encontrado vestígios de qualquer habitante de tão bizarra e feia moradia.

Aproximando-se duma das janelas, que eram gradeadas com varões de ferro, avistou um grande jardim, cujas árvo-



vores e plantas eram igualmente negras e um lago de água muito vermelha como se fosse sangue.

Branca-Espuma tentou sair daquela casa e dirigir-se para o jardim, mas, ao pôr os pés em terra, recuou soltando um grito de dor. O solo queimava como se fosse ferro incandescente. Tentou pela segunda vez sair da maldita moradia, mas teve novamente de recuar.

Muito triste e fatigada pelas comoções sofridas e pelo muito que tinha andado, resolveu voltar à primitiva sala onde encontrou alguns alimentos não muito apetitosos.

Como já sentisse bastante fome, viu-se obrigada a comer alguma coisa, com certa repugnância, ao mesmo tempo que as lágrimas rolavam pelas suas lindas faces, ao lembrar-se dos seus queridos pais e de que ficaria para sempre ali prisioneira.

Passaram-se oito dias, longos, tristes e silenciosos. Branca-Espuma, encostada à janela gradeada da sala, onde permanecia sempre, observava, com certa curiosidade, o caminho que avistava ao longe. Notava que o vulto dum cavaleiro se aproximava da curva da estrada que mais próxima se achava do castelo e que, portanto, poderia, se a visse, vir em seu socorro.

Cheia de esperança, tirou um lençinho da algibeira e começou a fazer sinais com ele, sem que o cavaleiro lhe ligasse alguma importância. Desesperada, atirou com o lenço fóra e, estendendo os braços através das grades, implorou socorro. O cavaleiro avistou aquele apêlo desesperado, hesitou por alguns segundos e depois resoluto, dirigiu-se para a janela onde estava Branca-Espuma. Ele bem sabia que aquele palácio era maldito e que já, por várias vezes, jovens príncipes, como ele, tinham tentado transpô-lo para salvarem algumas meninas encarceradas, desaparecendo para sempre.

Contudo, ao avistar o formoso rosto de Branca-Espuma

ficou maravilhado e, ali mesmo, jurou salvá-la com risco da própria vida.

Despediu-se com saúdade da linda filha do pescador e dirigiu-se imediatamente para o palácio. Após uma longa jornada, que lhe pareceu ainda mais longa que das outras vezes, entrava finalmente no seu elegante castelo.

Subiu a vasta escadaria e dirigiu-se para uma ampla sala onde se quedou a meditar na forma de salvar a dama dos seus sonhos.

Um forte bater de asas, fê-lo estremecer, ao mesmo tempo que avistava, poisando no parapeito da janela, uma enorme águia. O joven príncipe reconheceu logo a ave que tinha caçado alguns dias antes perto do palácio negro e que, por se ter afeiçoado muito ao dono, andava em completa liberdade.

O príncipe tinha realmente estranhado a afeição da ave, mas nunca lhe passou pela ideia que ela pudesse ter qualquer relação com o misterioso palácio.

Foi portanto com grande espanto, que ouviu a águia falar e a narrar todos os acontecimentos de Branca-Espuma, desde o seu nascimento até à data em que ele a tinha avistado.

Depois duma pequena pausa, acrescentou: Para que tentes desencantá-la é preciso que a prisioneira mergulhe os seus sapatos encarnados na água do lago vermelho e se prometeres desencantar-me, matando o terrível dragão que habita o palácio de «Fogo» ajudar-te-hei a livrar do encanto a tua amada.

O joven príncipe jurou cumprir tudo o que ela indicasse, prometendo estar às 12 horas da noite nas imediações do palácio negro, onde se encontraria com ela.

A águia, partiu voando muito alto e ao pôr do Sol avistava o palácio onde jazia encarcerada a Branca-Espuma.

Desceu rapidamente até ao solo e agachando-se muito, sem fazer ruído, olhando em redor com receio que a vissem, dirigiu-se para a janela. Como lá não visse a prisioneira, levantou novamente vôo e, fixando as garras nas grades, soltou um pio prolongado.

Branca-Espuma voltou-se repentinamente, correndo imediatamente para a janela. A águia desceu e, confundindo-se com o solo, disse-lhe:





— «O cavaleiro que ontem falou contigo, o príncipe da Atlântida, enviou-me aqui para te salvar. Admirada de vêr uma águia falando correctamente, Branca-Espuma perguntava a si mesmo, se não estaria sendo vítima de alguma nova cilada».

Contudo prestou muita atenção ao que lhe dizia a águia que continuou:

— Preciso de entrar nessa sala, mas como sou um pouco volumosa, não posso, portanto, passar através das grades da janela. Vais à sexta sala onde encontrarás um alçapão com uma escada; desce, que encontrarás, ao fundo, numa prateleira, duas caixinhas com pomada; uma amarela outra preta.

Trazes a última com a qual esfregarei o meu corpo, tornando-me no tamanho que eu desejar. Para que os teus sapatos não façam barulho, escreve nêles com a tua saliva a palavra «Diva» que é a deusa do silêncio.

A princesa seguiu os conselhos da águia, partindo muito contente e notando que os seus sapatos, graças à palavra misteriosa, não faziam o habitual barulho. Quando chegou à sala, ouviu um ruído de vozes que partia do alçapão. Começou a ter medo e a faltar-lhe a coragem para descer a estreita escada em espiral.

Deveria esperar?

Não! Não se podia perder tempo; alguns minutos mais, podiam ser a perda da sua salvação!...

Diciu-se por fim. Resoluta, começou a descer a escada às apaladelas, devido à escuridão que ia tornando-se cada vez mais densa à medida que ia descendo.

O barulho tinha-se já extinguido; ela continuava descendo, descendo sempre, até que, finalmente, tocou em terra.

A escuridão era completa. Avistando ao longe uma luz semelhante à claridade duma fogueira a grande distância, ia dirigir-se para lá, mas, um valente puxão no vestido fê-la recuar. Gelada pelo terror, voltou-se e, não vendo ninguém, ia recomeçar a tentativa, mas, segundo puxão fê-la recuar novamente, ao mesmo tempo que ouvia uma voz muito meiga e baixinha, dizer-lhe:

— «Não procures dirigir-te para essa luz, porque será a tua morte».

Branca-Espuma viu depois dois olhos muito grandes e brilhantes que, espalhando uma forte claridade, iluminavam com insistência uma determinada prateleira. A custo soltou um grito de alegria; acabava de vêr a caixinha preciosa, graças à qual deveria mais tarde a sua salvação. Correu a busca-la e quando voltava para agradecer, aos olhos brilhantes, os valiosos serviços que lhe acabavam de prestar, não viu senão escuridão.

As apaladelas tornou a subir a escada e correndo para a janela, entregou a pomada à águia que, esfregando o corpo com ela, se tornou no tamanho duma pomba. Esta entrou depois na sala e agarrando num pequeno balde de ferro negro que ali se encontrava, foi ao lago vermelho, encheu-o de água e voltando novamente para junto de Branca-Espuma mandou-a mergulhar os seus sapatinhos encarnados, na água vermelha, avisando-a: «Por muito conselho que ouças, não olhes senão para os sapatos e quando êstes adquirirem a cor branca podes retirá-los, mantendo sempre a tua vista fixa nêles».

A águia desapareceu, enquanto Branca-Espuma mergulhava na água os seus pézinhos delicados. Um enorme estrondo rebentou na sala. Ouviu depois um ruído de vozes que se ia aproximando, ao mesmo tempo que lhe puxavam pelos cabelos e lhe davam palmadas na cara.

Por fim, ouviu chamar por ela muito meigamente: — «Branca-Espuma acode-me, estou aqui atrás de ti; dá-me também uma pinguinha de água!»

Comovida pelas súplicas que imploravam, estava quasi a voltar a cabeça para vêr quem era, mas lembrando-se das recomendações da águia, manteve-se imóvel até que os seus sapatos começaram a tornar-se brancos. Retirou-os da água e, com espanto, notou que já não tinha os sapatos, mas sim uns formosos pés muito branquinhos e rosados.

Levantou-se muito contente, mas com certa dificuldade, pois custava-lhe muito a pôr os pés no solo, por não estar acostumada a andar descalça. As 12 horas batiam já no relógio da torre, quando apareceu nesse momento a águia avisando-a para se conservar quieta e, saindo pela janela, foi



ter com o príncipe, que a essa hora já se encontrava encostado ao muro do palácio.

«Por enquanto correu tudo bem» disse a águia ao ouvido do príncipe e tornando-se outra vez muito grande, convidou-o a montar numa das suas asas.

O príncipe obedeceu. Sentiu-se levado a grande altura e depois notou que descia vagarosamente sobre um jardim.

Beberam uma pouca de água cristalina que corria duma fontezinha, a qual tinha o condão de dar muita força, e encaminharam-se para uma gruta, onde existia uma velha feiticeira.

(Para quebrar o encanto de Branca-Espuma era preciso matar a velha; mas, esta era auxiliada por uma infinidade de diabinhos que a avisavam de qualquer perigo eminente, dando-lhe assim tempo para ela praticar os seus terríveis malefícios.) Sentindo uma espécie de ruído agacharam-se detraz dumas pedras, mas, um diabinho, ou porque lhe cheirasse ou por acaso, aproximou-se dos pedregulhos exclamando: — «Parece que aqui ha petiscos: — O príncipe que estava alerta, apanhou-o de costas e agarrando-lhe o rabo ao mesmo tempo que lhe apontava um punhal, gritou-lhe: «Diz a forma de matar a velha feiticeira ou... morres. O diabo na sua voz aflautada, começou a gritar que não sabia; era o mais novinho de todos e portanto ia perguntar aos irmãos mais velhos que andavam a brincar pelo jardim. Deixa-te de mentiras; «ou dizes ou então... e picou-lhe o peito com a espada». Não me mates, eu digo tudo, gritava aflito o diabo, fazendo-se mais encarnado do que já era. Vem então comigo á gruta da feiticeira, mas há-de largar o meu rabinho, choramingava elle, fazendo inauditos esforços para se livrar das mãos do príncipe que o apertava com as mãos como se fosse tenazes. Não seas manhoso, para á frente é que é o caminho, resmungou o príncipe já enfatiado com a cantilena do diabo.

Lastimando-se sempre e arrependendo-se, não teve outro remédio senão levá-lo á entrada da gruta, onde queimou umas ervas para adormecer a velha, ao mesmo tempo que observava o príncipe, na esperança de o apanhar distraído e retirar o rabo. Após alguns minutos entraram na caverna,

avistando uma velha horrenda, rodeada de crâneos e de outros vários ossos, espumando de raiva por se encontrar indefesa.

A águia avançou para ela que começava a dar indícios de sono, e dando-lhe duas bicadas arrancou-lhe os olhos ao mesmo tempo que o príncipe matava a velha, cravando-lhe um punhal no peito. Um estrondo enorme, medonho, se ouviu; o príncipe com o susto largou o rabo do diabo que desapareceu assim como o jardim.

Acharam-se depois num campo, reconhecendo eles ser o mesmo onde estava construído o palácio negro, que tinha igualmente desaparecido.

Muitas meninas e rapazes abraçavam-se contentes, por se terem desencantado e entre as quais elle avistou Branca-Espuma que correu logo para o seu salvador. Este, acompanhado da águia, levou-a para o seu palácio, deixando-a na companhia duma aia, e partindo depois para o reino do palácio de «Fogo» a desencantar a enorme ave, como lhe tinha prometido.

Depois de ter andado dois dias, avistou ao longe um grande palácio, cujas janelas, torres, portas, etc., lançavam enormes labaredas de fogo. «Assim não nos podemos aproximar», disse o príncipe, virando-se para a águia que o acompanhava.

Estas labaredas de fogo indicam que o «Dragão» está acordado; tens portanto de esperar que elle adormeça para entrares no lugar onde elle se encontra. O príncipe permaneceu calado, olhando atentamente a diminuição crescente do fogo, até que se extinguiu, indicando assim que o terrível «Dragão» tinha adormecido.

Rápido, dirigiu-se para o palácio e, ao entrar, avistou ao fundo do corredor um enorme e feio lagarto, tendo um par de assemelhantes ás dos morcegos, que lançava pela boca linguas de fogo. Muito cautelosamente aproximou-se e furo-lhe o coração com a sua longa espada.

Um enorme rolo de fumo negro surgiu do corpo do «Dragão», enquanto o príncipe saía precipitadamente para não morrer sufocado. Ao dirigir-se para o sítio onde tinha deixado a águia, encontrou em vez desta um elegante rapaz.

vestido com trajo de caçador que, correndo logo para êle, abraçou-o comovido, dizendo ao mesmo tempo:

«Sou o príncipe Alegre! Andando um dia à caça vim parar a êstes sítios na pista dum lindo veado. Avistei o palácio e curioso de o examinar, aproximei-me, sendo nêsse momento encantado numa águia pelo maldito «Dragão».

Muito contentes, dirigiram-se para o palácio onde Branca-Espuma os esperava já impaciente e oito dias depois realizava-se o casamento do príncipe da Atlântida com a filha do modesto pescador.

Nêsse mesmo dia um luxuoso coche transportava os dois noivos e o seu amigo o príncipe Alegre, parando após uma longa jornada à porta da casa paterna de Branca-Espuma; os bons velhotes, cheios de alegria por tornarem a vêr a ilha, até dançavam.

A boa nova depressa se espalhou por toda a aldeia. O povo fez uma grande festa. Houve arraial e iluminação à moda do Minho.

Branca-Espuma e seus pais, o príncipe Atlântida e seu amigo, partiram novamente para o reino da Atlântida entre as aclamações do povo.



MUITO BREVEMENTE

Novela infantil de Augusto de Santa-Rita com desenhos de Eduardo Malta

HORA DE RECREIO



70 - 250



me + O - fa + me



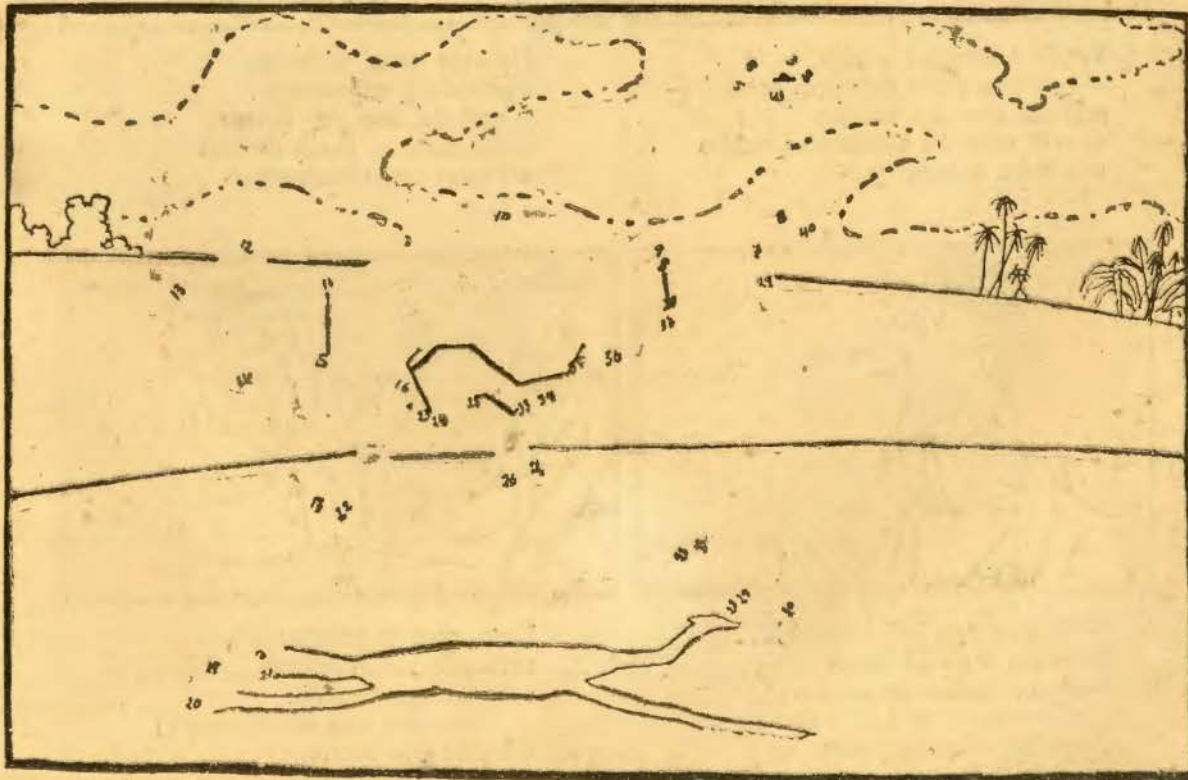
A0



ENIGMA PITORESCO

ALVES NUNES - 14 anos

PARA TRACEJAREM E COLORIREM



UM RICO DOTE



Bonifácio Reis Parente,
bacalhoeiro da Ilha,
andava muito contente
por ter uma linda filha
que adorava loucamente.



Quando um amigo encontrava
na rua, em casa, onde fosse,
logo na filha falava:
— «tem uma expressão tão doce
que por ela eu tudo dava!»



Vendo o amigo Formiga,
— (um ponto dos melhores pontos) —
segreda com voz amiga:
— «em mais de quinhentos contos
vou dotar a rapariga!»



Ha uma coisa, sòmente,
que me dá mil arrelias,
é que ela, sem ser doente,
linda como é, passa os dias
a chorar constantemente!»



— «É uma romântica, não?!...»
Deve ser encantadora!»
Pensando pedir-lhe a mão,
— «Que idade tem ela agora?!»
Pergunta o amigo, então.



Logo, com ar prazenteiro,
responde sinceramente
o nosso bacalhoeiro:
— «Inda não tem um só dente;
ela inda usa cueiro!»